

A Obra nova de Língua Geral de Mina (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto

Edição de um testemunho de língua(s) Gbe em Minas Gerais & Breve estudo do campo semântico «alimentos»

Christina Märzhäuser & Enrique Rodrigues-Moura

PROJETO

Edição crítica de dois manuscritos setecentistas de Antonio da Costa Peixoto: *Alguns apontamentos da língua Mina com as palavras portuguesas correspondentes* (1731) e *Obra nova de Língua Geral de Mina* (1741). Trata-se de dois glossários que documentam a presença e a vitalidade de uma língua Gbe (Kwa) na comarca de Vila Rica em Minas Gerais, Brasil, no auge do Ciclo do Ouro. Peixoto nasceu em Lamas, no norte de Portugal, e foi para o Brasil em 1715, onde acabaria trabalhando como escrivão e juiz de vintena. Manteve contato estreito com a população negra de Minas Gerais. Faleceu solteiro em 1763, deixando quatro filhos de quatro mulheres diferentes (Araujo 2013). Esta edição colaciona o manuscrito de 1741 com as edições já existentes: Silveira 1944 e 1945; e estudos de Souza 2001, Castro 2002 e Fernandes 2012. O manuscrito de 1731 publica-se pela primeira vez. O livro inclui contribuições, em inglês, de Fernando Araujo, Annegret Bollée, Yeda Pessoa de Castro, Christina Märzhäuser, Enrique Rodrigues-Moura e Dzidula Samla. Publicar-se-á nas *Edições de Bamberg* em formato *open access*, tanto em formato livro como *online* de livre acesso:

Peixoto, Antonio da Costa (em preparação). *Obra nova de Língua Geral de Mina*. C. Märzhäuser & E. Rodrigues-Moura (eds). Bamberg: University of Bamberg Press (= Bamberger Editionen)



MANUSCRITO DE 1731

(BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, LISBOA, CÓDICE 3052, F. 2355)

Alguns apontamentos da língua Mina com as palavras portuguesas correspondentes. Manuscrito inconcluso de 14 fôlios numerados. Trata-se de uma versão preliminar do texto definitivo, acabado em 1741: «pode considerar-se como um estágio primitivo do texto redigido dez anos depois» (Silveira *apud* Peixoto 1945: 9-10). Embora conhecido pela crítica, ainda não foi editado nem colacionado com a versão de 1741.



ATLANTIC OCEAN

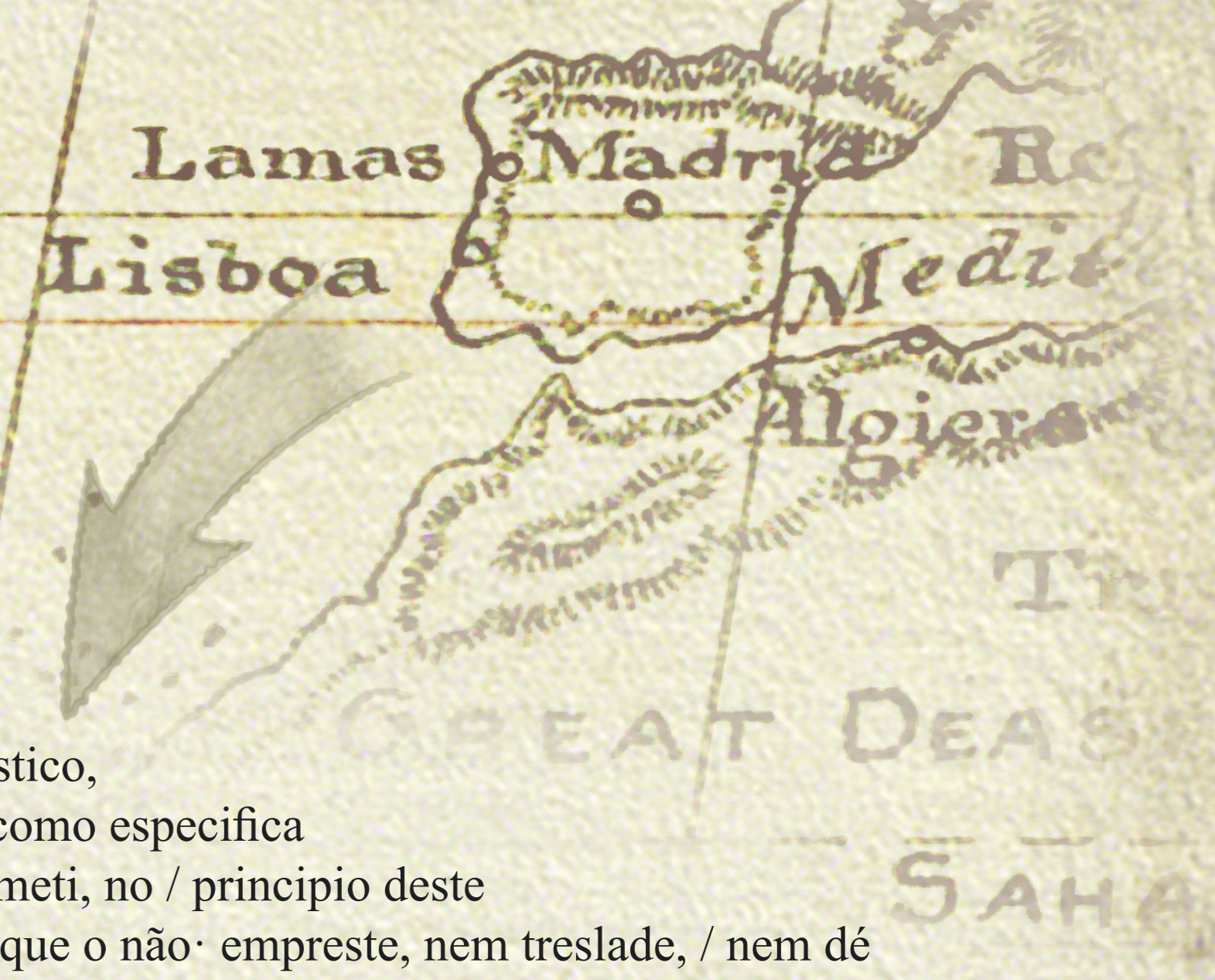
MANUSCRITO DE 1741

(BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, CXVI/1-14)

Obra Nova de Língua Geral de Mina.

Manuscrito de 42 páginas numeradas. Foi enviado a Portugal para a sua impressão, como demonstram os paratextos: folha de rosto, poemas dedicados ao autor, dedicatória, prólogo ao leitor, advertência final e colofão. Com o seu labor linguístico, Peixoto também perseguia um intuito econômico, como especifica no fim do manuscrito: «Tenho dado fim aó que premeti, no / principio deste caderno; e pesso ao dono / delle, o estude, [...] / E que o não· empreste, nem treslade, / nem dê a tresladar a ninguem, e final / m.^o me emculque curiozos p.^a que me / [42] comprem outros velumes, que com / ansia e fervor, fico dando ao prello, / e brevem.^o sahirão.» (1741: 41-42).

O texto de Peixoto assume uma perspectiva europeia, interessada em estabelecer certo controle social da economia colonial (v. o trecho do prólogo transcrito a seguir), no sentido da «Sozialdisziplinierung» de Gerhard Oestreich ou da «gouvernementalisation de l'État» de Michel Foucault, mas também permite vislumbrar, em várias passagens, o ponto de vista dos supostos subalternos africanos: «híhábouthómé mánhôhã = terra de / Branco não· presta, // Preg.^o, anihutú hinharam = / pois porque não· presta // Responde; hi hà / bouno, hé <chu> nachuhé acrusú = os br.^{cos} / castigão· m.^o os escravos» (Peixoto 1741: 29)

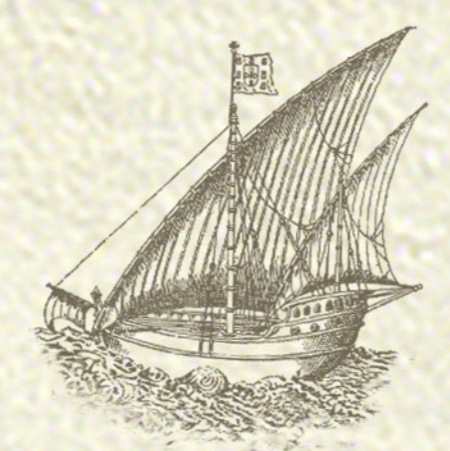


Excerto do «Prólogo ao leitor» (1741: 5-6)

me Escrivão: fazei esta nova tradução por entender de m.^o otellid.^o obabarem toda esta tão· importante sabedoria.

Quo é certo e afirmo que se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não· tem, souceem esta lingoage, não· succede rião· tantos insultos, ruhinas, estragos, roubos, mortes, e final.^o cazos atrozes, [6]

Como m.^{os} miseraveis tem expremen tado: de que me parece de algũa sorte se poderião· evitar alguns destes descom sertos, [...]



Transcrição

[...] me rezolvi fazer esta nova tradução· por entender ser de m.^o otellid.^o o saberem todos esta tão· importante sabedoria:

Pois hẽ serto e afirmo, que se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não· tem, souceem esta lingoage, não· succede rião· tantos insultos, ruhinas, estragos, roubos, mortes, e final.^o cazos atrozes, [6]

Como m.^{os} miseraveis tem expremen tado: de que me parece de algũa sorte se poderião· evitar alguns destes descom sertos, [...]

CONTEÚDO DO MANUSCRITO OBRA NOVA DE LÍNGUA GERAL DE MINA

O glossário de Peixoto (1741) inclui não só cerca de 900 palavras, mas também expressões mais complexas, retratando diversas áreas da vida cotidiana (tarefas domésticas, trabalhos de agricultura, atividades profissionais ou comerciais, e, inclusive, a contagem do ouro), e diálogos, encenando encontros entre europeus e africanos e africanas. O manuscrito transcreve algumas palavras que, por opções morais, Peixoto não traduz para o português: «Não· declaro em portuguez, por serem / palavras menos desentes a nossa pulicia» (Peixoto 1741: 35).

VALOR CIENTÍFICO

- 1) Testemunho fundamental da complexa ecologia linguística multilingue presente nas Minas Gerais da América Portuguesa;
- 2) Documento de grande relevância para estudos diacrônicos relativos às línguas Gbe;
- 3) Chave para entender melhor o triângulo sociocultural e econômico do denominado *Black Atlantic* (Gilroy 1995), onde o comércio de escravos, ouro e tabaco, entre o Golfo do Benim, a América Portuguesa e o reino de Portugal, geriu enormes riquezas e propiciou formas de transculturação, criouliização e hibridação de identidades. Este triângulo formou novas e diversas realidades linguísticas, ricas em situações de multilinguismo e de contato de línguas.

Alguns termos do glossário foram reconhecidos, imediatamente, por Nochê Marcela de Naveorualin, Mãe de uma comunidade afro-religiosa em São Paulo, pois formam parte da base da língua litúrgica do seu terreiro, que ela identifica como Fon: «*asim* = água» (1741: 16) [*osin* em Fon moderno]; «*agamvêgê* = vinho» (1741: 10) [*ahãvê* 've' (aguardente vermelho) em Fon moderno] (pesquisa de campo, Märzhäuser 2019).

REFERÊNCIAS

Aboh, E. O. (2015). *The Emergence of Hybrid Grammars: language contact and change*. Cambridge: Cambridge University Press | Araujo, F. (2013). «Fome do ouro e fama da obra. Antonio da Costa Peixoto e a 'Obra Nova de Língua Geral de Mina' – alianças, proximidades e distâncias de um escritor português no Brasil colonial do século XVIII», online [12/07/2019] | Castro, Y. Pessoa de (2002). *A língua mina-jeje no Brasil: Um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação Pinheiro – Secretaria de Estado da Cultura | Castro, Y. Pessoa de (2014). «A língua mina-jeje no Brasil, uma língua negroafricana documentada em Vila Rica no século XVIII», in I. Stolze Lima & L. do Carmo (orgs.). *História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana* Rio de Janeiro: Nau, 61-72 | Fernandes, G. (2012). «A Língua geral de Mina (1731/1741) de Antonio da Costa Peixoto», *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa* 43, 2.^o sem., 28-46 | Foucault, M. (2004). *Sécurité, Territoire, Population*. Cours au Collège de France. 1977-1978. Paris: Gallimard – Seuil | Gilroy, P. (1995). *The Black Atlantic*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press | Lima, I. Stolze & Carmo, L. do (orgs.) (2014). *História Social da Língua Nacional 2: Diáspora Africana*. Rio de Janeiro: Nau. | Märzhäuser, C. & Rodrigues-Moura, E. (no prelo). «Linguistic Expression of Power & Subalternity in Peixoto (1741) *Obra Nova de Língua Geral de Mina*», in K. Bennett et alii (org.), *Multilingualism, Lingua Franca and Translation in the Early Modern Period*. London: Routledge | Oestreich, G. (1969). «Strukturprobleme des europäischen Absolutismus» in G. Oestreich (ed.), *Geist und Gestalt des frühmodernen Staates*. Berlin: Duncker & Humblot, 179-197 | Peixoto, A. da Costa (1944). *Obra Nova de Língua Geral de Mina*. Ed. de L. Silveira. Lisboa: Agência Geral das Colónias | Peixoto, A. da Costa (1945). *Obra Nova de Língua Geral de Mina*. Ed. de L. Silveira; comentário de E. Correia Lopes. Lisboa: Agência Geral das Colónias. | Petter, M. (2001). «Africanismos no Português do Brasil» in E. Orlandi (org.), *História das Ideias Linguísticas: Construção do saber metalinguístico e constituição da Língua Nacional*. Campinas: Pontes – Cáceres: UNEMAT, 223-234 | Petter, M. (2006/2007). «Línguas africanas no Brasil». *África: Revista do Centro de Estudos Africanos* 27-28: 63-89 | Petter, M. & Fiorini, J. L. (orgs.) (2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto | Rodrigues, A. Dall'Igna. (2003). «*Obra Nova da Língua Geral de Mina: A língua Ewe nas Minas Gerais*», *Papia* 13, 92-96 | Samla, D. & Märzhäuser, C. (2013). «Ewe-Fon in contact with Portuguese – new insights from Peixoto's 'Obra nova de Língua Geral de Mina'», Abstract for 5th European Conference on African Studies (ECAS), Lisboa | Souza, S. M. Cunha (2001). *A predicação na "língua geral de mina": uma proposta de descrição*. Diss. de Mestrado, U. de São Paulo | Yai, O. B. (1997). «Les 'Aguda' (afro-brésiliens) du Golfe du Bénin – Identité, apports, idéologie: Essai de réinterprétation», *Lusotopie*, 275-284.

BREVE ESTUDO DO CAMPO SEMÂNTICO «ALIMENTOS»

A análise dos campos semânticos aponta para processos de tradução e aculturação (v. tb. Castro 2002). As referências culturais do triângulo que conforma o *Black Atlantic* se refletem em numerosos termos presentes nos dois manuscritos (1731 e 1741).

- Referências geográficas a diferentes regiões da África e de Portugal:
máhiatumê = *vou p.^a a Costa da Mina* (1741: 24)
máhiaglono toume = *vou p.^a Angolla* (1741: 24)
aquouquê = *bananas de santo Mê* [= S. Tomé] (1741: 9)
touboume = *o Reino* (1741: 12)
- Contextualização de um hábito cultural e/ou culinário europeu:
avódumcúhi hábouno mádu lamhã = *na coresma os br.^{cos} não· comem carne* // *énaduguhevi* = *comem peixe* (1741: 29)

O campo semântico dos alimentos e bebidas, que inclui entradas isoladas ou presentes em expressões mais complexas, pode-se dividir nas seguintes subcategorias: 1) Animais & produtos derivados; 2) Cereais, raízes, vegetais & produtos derivados; 3) Especiarias; 4) Líquidos e bebidas; 5) Tabaco.

Animais & produtos derivados (Peixoto 1741)

lam = carne	
<i>Lam mú</i> = carne crua // <i>lamdidã</i> = carne cozida // <i>lam mimê</i> = carne asada // <i>lam chuchú</i> = carne seca // <i>lam nhinhoi</i> = carne podre	
nhí = bois <i>nhí si</i> = vaca femea <i>nhivú</i> = bezerras → <i>nhichôme</i> = curral de gado → <i>máhigu'nhí</i> = vou matar Bois	<i>nhilam</i> = carne de vaca <i>nhitã</i> = cabessa de porco [sic] <i>nhidô</i> = tripas de boi <i>nhijou</i> = sebo <i>nhifô</i> = mucutos <i>nhinôsím</i> = leite → <i>máhisanhinôsím</i> = vou vender leite <i>nhinôsím didã</i> = queijo
Bô = cabra // <i>elembô</i> = carn. ^o // <i>elem si</i> = ovelha	
vgam = porcos <i>vgam si</i> = porca femea <i>vgam vú</i> = leitóis <i>vgam zume tom</i> = porcos do mato → <i>vgam chôme</i> = chiqueiro	<i>vgam lam</i> = toucinho <i>vgam dô</i> = lengoisas <i>vgam tâ</i> = cabessa de porco <i>vgam já</i> = antrecostas <i>vgam fô</i> = mucutos de porco <i>vganjou</i> = banha, ou manteiga
Couculou = galiniaz <i>couculou sú</i> = galo <i>couculouvú</i> = pintos <i>couculou si sã</i> = capois → <i>couculouchôme</i> = galinhr. ^o → <i>máhigucouculou</i> = vou matar galinhas → <i>Sãcouculourpou námeachô</i> = vendame hũa galinha fiada // <i>nhimásãcouculouch achôhã</i> = eu não· vendo as minhas galinhas fiadas	<i>couculouzim</i> = ovos
Pápáchê = patos <i>hésé</i> = pombas [] → <i>máhiguhevi</i> = vou pescar peixe [v. Fon moderno: peixe = <i>huévi</i> (Castro 2002: 208)] <i>hêzê</i> = sapos <i>agãã</i> = caranguejos	

Antonio da Costa Peixoto



CONTATO

Christina.Maerzhaeuser@romanistik.uni-muenchen.de
Enrique.Rodrigues-Moura@uni-bamberg.de

Setembro de 2019